

O PROJETO EDUCACIONAL EM NIETZSCHE: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NA ALEMANHA NO SÉCULO XIX¹

The educational project in Nietzsche: reflections on education in Germany in
the nineteenth century

JURASKI, V. C.

Recebimento: 21/10/2012 - Aceite: 14/12/2012

RESUMO: Qual a função dos processos educacionais na formação de identidades sociais? Devido às inúmeras dificuldades em responder a esse questionamento, objetivou-se buscar, na filosofia nietzschiana, uma resposta satisfatória às indagações que não são específicas do contexto social contemporâneo apenas. O trabalho aqui proposto, então, tem a intenção de ser uma breve análise sobre a importância da educação na formação humana, tendo por base os primeiros textos escritos pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900). Para tanto, a pesquisa se embasa na leitura de obras concernentes à produção filosófica do autor na década de 1870, período no qual a Alemanha passava por lento processo de hegemonização cultural. Com essa prática pretende-se estabelecer um diálogo histórico-filosófico entre o contexto social vivenciado pelo filósofo, considerando sua proximidade com os ideais da Grécia Clássica, sua imbricação com conceitos como educação e cultura observados nesse período, assim como os conflitos eminentes entre cultura e tecnicismo, a crítica nietzschiana aos ideais de identificação, separação e classificação próprios da sociedade moderna. Ao questionamento inicial sobre a importância da educação para a vida, o filósofo tentou elencar possíveis respostas que, inevitavelmente implicaram o questionamento da cultura moderna como modelo interpretativo único da realidade.

Palavras-chave: Educação. Cultura. Nietzsche.

ABSTRACT: What is the function of educational processes in the formation of social identities? Due to the many difficulties in answering this question, it was aimed to gather up a satisfactory answer to the questions, which are not specific to the contemporary social context, in the Nietzschean philosophy. The work proposed here is intended to be a brief discussion about the importance of education in human development, based on the first texts written by the German

philosopher Friedrich Nietzsche (1844-1900). Therefore, the research is based on the reading of works concerning the author's philosophical production in the 1870s, during which Germany was going through the slow process of cultural hegemony. With this practice, it was intended to establish a dialogue between the historical and philosophical context experienced by the social philosopher, considering his proximity to the ideals of Classical Greece, his overlap with concepts such as education and culture observed during this period, as well as the conflicts between culture and eminent technicality, the Nietzschean criticism to the ideals of identification, separation and classification of the modern society. To the initial question about the importance of education for life, the philosopher tried to list possible answers, which inevitably involved the questioning of modern culture as single interpretative model of reality.

Keywords: Education. Culture. Nietzsche.

Já disse que esta maneira de se satisfazer com o momento sem imaginar um objetivo, de se embalar numa cadeira de balanço ao ritmo do momento, deve parecer quase incrível, em todo o caso, censurável na época atual, que desvia de tudo o que é inútil. (NIETZSCHE, 2011).

Introdução

Às certezas que a “modernidade”, como método interpretativo da realidade³, proporcionou ao homem, durante os últimos séculos, em especial após a consolidação do liberalismo econômico na Europa, pós-Revolução Francesa (1789), se seguiu um pessimismo filosófico – final do século XIX – que trouxe ao bojo dos debates, a veracidade da promessa, estabelecida ao longo dos últimos séculos, de felicidade humana a partir da racionalização da história. Diante da constatação de que a razão aos moldes de Hegel e Kant, assim como seus adeptos, não serviu para garantir a segurança, enquanto ao futuro pacífico da Europa⁴, se observou o desencantamento⁵ do homem frente à realidade.

Nietzsche (1844-1900) fora um dos primeiros a estabelecer questionamentos sobre

a existência de um sentido racional para a história, como preconizado pelos “modernos”. Segundo o filósofo alemão, a história não poderia ser compreendida como um emaranhado de acontecimentos com sentido lógico/ racional, ou seja, o modelo de história apresentado pela modernidade era incompatível com o próprio desenvolvimento da “raça”⁶ humana.

Na década de 1870, Nietzsche começou a escrever suas primeiras obras, que concernia, basicamente, à postura do homem frente à realidade apresentada pelo novo contexto social, tendo como ideal de conduta aquele observado na Grécia Clássica. São desse período obras como *A Origem da Tragédia* (1872), *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de Ensino* (1872), *Sobre a Utilidade e os Inconvenientes da História para a vida* (1874), *Schopenhauer como educador* (1874).

O filósofo tem como preocupação, nesses primeiros anos de produção, a educação como formadora e difusora cultural.⁷ Seus textos enfatizaram a importância que a “cultura clássica” deveria ter para o homem, em contraposição ao que denominou de cultura jornalística ou imediata.⁸ Nietzsche fez,

nesse primeiro momento, uma breve análise sobre as perspectivas dos estabelecimentos de ensino alemães, verificando-se, o comprometimento com os ideais modernos de erudição e a cultura jornalística continuassem se sobressaindo, ao que ele, denominou como sendo, a cultura verdadeira, ou seja, se a necessidade de tornar o homem culto, através de princípios teóricos vazios, se impor, a consciência da verdadeira cultura.⁹ Os escritos iniciais do jovem filósofo eram, nesse sentido, categóricos ao demonstrar seu profundo interesse por questões sociais e, por problemas envolvendo o homem na modernidade. Portanto, sua obra não pôde ser vista como descomprometida e desinteressada pelos dilemas da sociedade contemporânea a ele.

Os processos educativos mantinham, na filosofia nietzschiana, principalmente nos seus primeiros textos, um papel fundamental. Foi através da educação que, historicamente, as classes abastadas estabeleceram relações de dominação intelectual e moral sobre a população. O Ginásio – como era denominado o ensino ministrado no período anterior à Universidade – passou a ser analisado como agente criador e difusor do que cotidianamente se convencionou chamar de ideologia hegemônica. Foi essa relação vertical de dominação que Nietzsche chamou de imposição de “vontades” para aqueles que se encontram desprovidos de vontades superiores.¹⁰

“Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino”

Como compreender a filosofia nietzschiana sobre a óptica educacional? Existe um projeto de educação percebido na obra de Nietzsche? Ao ponderar sobre esses questionamentos, deve-se considerar que o filósofo, efetivamente, não teorizou sobre nenhum projeto educacional para o homem.

No entanto, era perceptível que, tanto em seus primeiros escritos *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, quanto, nas produções posteriores: *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche, demonstrou preocupação com a formação humana dos estudantes.

As relações educacionais, desde muito cedo, foram percebidas pelo filósofo como de natureza aristocrática, ou seja, para Nietzsche a educação deveria ser voltada para um grupo reduzido de pessoas, com capacidade de aprender, onde poucos desenvolveriam as potencialidades necessárias para serem professores e alunos. Sobrinho assinala que,

Para Nietzsche, a cultura superior, que é sobretudo a cultura filosófica, é uma dádiva que a natureza reserva somente para um pequeno número de indivíduos excepcionais; portanto, não se pode pretender que as grandes massas estejam em condições de adquiri-la, pois o espírito da cultura autêntica tem uma ‘natureza aristocrática.’ (SOBRINHO, 2011, p. 18).

Como se pôde perceber, o filósofo, não contrapôs aristocracia e educação, mas viu “de um lado, a massa no seu sono estúpido e torpe, que se reproduz por instinto, e de outro, muito distante dela, os grandes indivíduos contemplativos, capazes de criações eternas” (NIETZSCHE, 2011, p. 130). Não acreditava, portanto, que a população, a grosso modo, pudesse propor mudanças significativas ao contexto vivenciado por ele, mas, ao contrário, constatou que durante grande parte da história foram apenas os homens de exceção que estabeleceram novos paradigmas e, conseqüentemente, avanços culturais.¹¹ “Não é a cultura da massa que deve ser a nossa finalidade, mas a cultura de indivíduos selecionados, munidos das armas necessárias para a realização das grandes obras que ficarão.” (NIETZSCHE, 2011, p. 105).

Essa tendência aristocrática da educação, percebida principalmente nos primeiros anos

de produção filosófica, concernia à influência que os estudos sobre a Grécia Clássica tiveram em sua formação. A Antiguidade era entendida por Nietzsche, como um ambiente de aprendizagem e crescimento pessoal, por excelência.¹² No entanto, segundo o filósofo, a modernidade corrompeu esses valores elevados, com a promessa de orientar a vida do homem de forma positiva, científica, técnica e idônea. Segundo ele, existia a “propensão ingênua e privada de escrúpulos de transformar o que é mais irracional em ‘razão’ e de apresentar como branco o que é mais negro.” (NIETZSCHE, 2011, p. 149).

No entanto, considerar esse fato, não seria o mesmo que atestar o rompimento com os ideais modernos, como melhor forma, de resolver os problemas da modernidade.

Ainda que tivessem reconhecido que o estudante de hoje não está apto para a filosofia, porque é mal preparado, privado de instinto artístico e que, diante dos Gregos, é um bárbaro imaginando que é livre, nem por isso vocês deveriam fugir horrorizados diante dele, mesmo quando quisessem evitar contatos mais estreitos. (NIETZSCHE, 2011, p. 151).

Por isso, a filosofia nietzschiana deve ser compreendida dentro da lógica educacional, ao mesmo tempo, vinculada a seu período histórico e ao extemporâneo a ele. Na tentativa de sistematizar esse pensamento, os textos referentes à *Sobre o futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino* – conferências proferidas por Nietzsche, na Universidade da Basiléia – pareciam ser um importante indício do que ele pretendeu apresentar à sociedade em termos educacionais.

A história apresentada por Nietzsche tem como personagens principais o próprio Friedrich, um de seus colegas da Universidade Bonn, o filósofo e seu discípulo.¹³ Esse provável encontro teria acontecido no alto de uma montanha onde estavam presentes os

quatro atores apresentados acima. Nietzsche se colocou no papel de aluno que escutava atentamente seu mestre sem interrompê-lo, enquanto o filósofo explanou sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino alemães.

Torna-se, então, importante analisar algumas imagens expostas nessa breve conferência proferida aos estudantes da Basiléia. Inicialmente, era marcante o fato de Nietzsche e seu amigo estarem treinando a pontaria, quando do encontro entre os quatro atores, uma vez que essa figura de linguagem demonstrou o furor da juventude e a inquietação dos jovens, assim como a tentativa do filósofo em censurá-los, posteriormente.

Outro ponto importante a analisar, referia-se às razões que motivaram o filósofo a ir até aquele local. Segundo o autor, ele estava à espera de seu “grande amigo” que, ao final da trama, acabou não aparecendo ao encontro. Porém, a constatação de que o amigo vinha acompanhado dos demais estudantes de Bonn foi o suficiente para deixar o filósofo perplexo, visto que este teceu, durante o diálogo, críticas contundentes ao sistema de ensino alemão, aos estudantes e professores.

Na realidade, a crítica que o desconhecido filósofo da história nietzschiana fez à educação, era a própria crítica nietzschiana à cultura da Alemanha do século XIX. Uma cultura voltada, especialmente, para instrução das massas, financiada pelos governantes que viam no Ginásio uma oportunidade de selecionar bons trabalhadores – especialistas – para seus quadros de funcionários. “Aqui, temos um fenômeno novo! O Estado como estrela-guia da cultura!” (NIETZSCHE, 2011, p. 118).

Segundo Nietzsche, foi na Prússia de Bismark que essa relação ocorreu mais intensamente. O esforço dispensado pelo Estado, na tentativa de formar um corpo de funcionários aptos a trabalhar, segundo as novas demandas sociais, do período de Unificação alemã, pos-

sibilitou que os governantes estabelecessem o sentido de cultura. O instrumento utilizado para tanto foi o Ginásio.

Foi exatamente o mais poderoso dos Estados modernos, a Prússia, que levou mais a sério o direito de ser o guia supremo em matéria de cultura e de escola, que, dada a ousadia que é própria deste Estado, o princípio duvidoso do qual ele se apropriou adquiriu um significado universalmente ameaçador e perigoso para o autêntico espírito alemão. (NIETZSCHE, 2011, p. 114).

Nietzsche, então, destinou em relação à Prússia, nesses primeiros escritos, grande atenção,¹⁴ visto que o Estado prussiano lhe parecia o resultado de um longo processo em que o homem moderno passou a utilizar da cultura em proveito próprio, como se o espírito a aura, que envolvia o sentimento de pertencimento, pudesse ser negociada por mercenários da cultura. Esse fato poderia ser constatado a partir do gradativo aumento dos estabelecimentos de ensino alemães,

Existe agora, quase em todo lugar, um número tão excessivo de estabelecimentos de ensino superior, que normalmente se utiliza aí um número muito maior de professores do que a natureza de um povo, mesmo ricamente dotado, pode produzir; ocorre então, nestes estabelecimentos, um excesso de pessoas que não têm vocação [...] Estas pessoas estão sem dúvida exageradamente distanciadas das coisas pedagógicas [...] Contudo, é preciso que sejamos unânimes a este respeito: para alcançar realmente a cultura, a própria natureza não destinou senão um número infinitamente restrito de homens, e, para o feliz desenvolvimento destes, basta um número muito mais restrito de estabelecimentos de ensino superior. (NIETZSCHE, 2011, p. 103).

Acrescenta-se a isso, o fato que

Na Prússia, o ginásio é considerado sobretudo como portador de um certo grau de honra: e quem quer que se sinta empurrado para a esfera do governo deverá seguir a via do ginásio [...] obriga a todos os seus servidores a só se apresentarem diante dele munidos da luz da cultura universal do Estado [...] uma filosofia lançada em proveito do Estado e visando os objetivos do Estado, a tendência da filosofia hegeliana. (NIETZSCHE, 2011, p. 115).

Para Nietzsche, o aumento dos estabelecimentos de ensino representou a necessidade de compensar a pouca prática formativa pela criação de novas instituições. Preocupação destes “[...] que fingem satisfazer uma forte necessidade de cultura, através do crescimento extraordinário do número de estabelecimentos de ensino.” (NIETZSCHE, 2011, p. 106).

De outro modo, o aluno, que era para o filósofo a grande esperança de transformação social, estava alheio às discussões sobre as intenções que lhes propunham os estabelecimentos de ensino, se abrigando por detrás da “liberdade acadêmica”. Para Nietzsche, apesar do furor da juventude, o comprometimento desses jovens com o Ginásio e, posteriormente, com a Universidade era mera relação de ouvintes.

Com bastante frequência, o estudante escreve enquanto ouve. Estes são os momentos em que está preso pelo cordão umbilical à Universidade. Ele pode escolher o que quer ouvir, não precisa acreditar naquilo que ouve, pode tapar os ouvidos quando não queira ouvir. Eis o método de ensino “oral.” (NIETZSCHE, 2011, p. 146).

A ideia de que esses estudantes se comportavam passivamente diante do conhecimento inalcançável de seus mestres, deixou Nietzsche, verdadeiramente, receoso, enquanto o futuro dos estabelecimentos de en-

sino, “[...] uma só boca que fala para muitos ouvidos e metade de mãos que escrevem – eis o aparelho acadêmico externo, eis a máquina cultural universitária posta em funcionamento.” (NIETZSCHE, 2011, p. 147).

Para Nietzsche, a “liberdade acadêmica” não passava de uma justificativa para os problemas criados pela própria modernidade. Os Ginásios eram apenas o resultado de uma profunda crise cultural que encaminhou o homem para a superficialidade da cultura jornalística.

O projeto educacional de Nietzsche

Percebeu-se, portanto, que a filosofia nietzschiana, principalmente nesses primeiros anos, manteve uma crescente preocupação com a formação do homem na sociedade moderna, além de estar, necessariamente, relacionada à transmissão de cultura. Por isso, todos os apontamentos realizados por Nietzsche tinham por objetivo a elevação cultural do homem.

Pôde-se notar que a formação cultural do homem, para o filósofo, estava estreitamente relacionada com o tecnicismo, o pensamento mecânico e racional, característicos da modernidade. Nietzsche observou os estabelecimentos de ensino como formadores de funcionários públicos para o Estado, sem compromisso com a cultura verdadeira. Para ele, os ideais gregos de formação integral do homem foram abandonados pela modernidade, em troca da especialização e dos interesses estatais.

A todo o sistema de educação superior na Alemanha falta hoje o principal: o *fim* e os *meios* para o fim. Esqueceu-se que a educação, a *formação* (*Bildung*), é o fim – e não o Império –, e que para tal fim é necessário o *educador* – e não o professor ginásial e os eruditos da uni-

versidade [...] O que efetivamente obtêm as “escolas superiores” da Alemanha é um treino brutal de grande quantidade de jovens para, com menor perda possível de tempo, os tornar *eficientes* para o serviço do Estado. (NIETZSCHE, 1998, p. 65).

Nietzsche contrapôs, nesse ponto, o especialista ao gênio. Segundo ele, o especialista, ser moderno por excelência, esteve impregnado pela moral vigente, de modo que sua formação estava voltada para uma área tão específica do conhecimento humano, que era impossível para esse indivíduo perceber a sociedade como um todo. Segue-se a isso, o abandono da filosofia, em troca da exatidão das ciências, e a dispensabilidade da problematização do conhecimento. “Segundo Nietzsche, os currículos escolares deveriam ser concebidos, por um lado, tomando como exemplo a cultura clássica, que se baseia primeiramente na afirmação da necessidade de filosofia e arte.” (SOBRINHO, 2011, p.17).

O gênio, nesse sentido, correspondia às expectativas do filósofo, pois, dotado de qualidades superiores, não poderia surgir do meio da população – visto que esses sujeitos estavam imersos nos pressupostos da modernidade. O gênio, portanto, pertencia a uma classe de esclarecidos, que não tinham compromissos com o imediatismo, nem a propensão a fazer parte do quadro de funcionários do Estado, mas sim com a cultura verdadeira.

Mas, se a cultura clássica era indispensável à modernidade, e o gênio o encarregado por trazê-la ao solo alemão, porque isso ainda não havia acontecido? O impedimento para o surgimento do gênio descrito por Nietzsche esteve vinculado a dois egoísmos. A saber, o egoísmo das classes comerciantes, onde a cultura foi tratada como uma mercadoria qualquer, ligada ao consumo, produtividade e ao lucro; o egoísmo do Estado e da Ciência.¹⁵ Onde “[...] o máximo de conhecimento

e cultura possível – portanto o máximo de produção e necessidades possível –, portanto o máximo de felicidade possível.” (NIETZSCHE, 2011, p. 72).

O educador, por sua vez, tinha, na filosofia nietzschiana, a missão de possibilitar a formação do gênio e lutar contra a dita “liberdade acadêmica”.

Nietzsche censura os ginásios de sua época por permitirem autonomia aos estudantes, numa idade em que eles ainda não estavam preparados para tanto, e acusa ainda os professores por alimentarem essa prática nociva à elevação da cultura. (SOBRINHO, 2011, p.15).

O filósofo questionou, principalmente, a liberdade concedida aos jovens pelos professores. A educação, considerada por ele como algo fundamental na vida dos alunos, deveria ser ministrada com o maior comprometimento possível pelos mestres. A “liberdade acadêmica”, nesse sentido, era nociva à formação humana dos estudantes. “Assim, repito, meus amigos! – toda cultura começa, ao contrário de tudo o que se elogia hoje com o nome de liberdade acadêmica, com a obediência, com a disciplina, com a instrução, com o sentido do dever.” (NIETZSCHE, 2011, p. 158).

Nietzsche não era, portanto, um “liberal”, no sentido mais corriqueiro do termo. Sua prática era calcada no dever e na obrigação para com a cultura, muito embora esse posicionamento ético frente aos desafios impostos pela modernidade contrapunha-se à amorosidade destinada a seus alunos nos anos em que lecionou na Basiléia. “Se Nietzsche era parcimonioso nos elogios, usava mais raramente ainda de reprimenda. [...] Nunca o víamos irritado, nunca elevava o tom de voz, nem se alterava [...]” (DIAS, 2003, p. 55).¹⁶

O educador, como demonstrou o depoimento acima, deve ter dois compromissos éticos principais, um dos quais diz respeito à cultura, outro, ao estudante.

Quanto à função do educador, Nietzsche diz que o mestre deve ser ao mesmo tempo ‘asas’ e ‘freio’ para os seus discípulos, quer dizer, ele deve dar as condições para que eles se elevem, mas também deve conter os seus ímpetos e arroubos da imaturidade. (SOBRINHO, 2011, p. 39).

De fato, Nietzsche não contrapôs técnica à cultura, uma vez que essa dualidade pareceu inoportuna ao questionamento da sociedade contemporânea a ele, visto que a técnica esteve presente desde a gênese humana – os gregos pré-socráticos, por exemplo, mesmo que agentes valorizadores da cultura, já detinham um variado número de técnicas úteis em seu cotidiano – enfim, a técnica era imanente ao ser humano. Porém, Nietzsche apontou a modernidade – período temporal e divisão ideológica do tempo – como o momento em que os especialistas, ou seja, aqueles profissionais que detinham o poder sobre alguns conhecimentos – conhecedores das partes – desejaram, através de um saber racional e cartesiano, tornar compreensível o mundo, através de uma equação incompleta. A cultura, nesse contexto, não pôde ser mais entendida como única alternativa de alcançar a superação humana, ao ponto, em que se tornou sinônimo de erudição.

Quanto tempo tu acreditas que esta espécie de cultura que te custa tanto suportar vai durar ainda na escola atual? Eu não quero te ocultar a minha desconfiança a esse respeito: seu tempo já passou, seus dias estão contados. O primeiro que tiver a ousadia de ser totalmente sincero neste domínio ouvira o eco de sua sinceridade devolvido num milhar de almas corajosas. (NIETZSCHE, 2011, p. 78).

Nietzsche, portanto, ao fim de sua explanação formativa, consolou àqueles que, assim como ele, acreditavam na possibilidade de harmonizar a técnica à cultura verdadeira, sem que para tanto fosse necessário à educação servir-se das tendências utilitaristas,

principalmente concernentes à produção de conhecimentos nos estabelecimentos de ensino alemães.

Considerações finais

As leituras que foram realizadas nos últimos anos, sobre as obras de Nietzsche, especialmente a partir da metade do século XX, apresentaram diferentes interpretações do pensamento do autor. Desde aqueles que consideravam sua filosofia desnecessária ao novo contexto social, àqueles que creditavam ao pensamento nietzschiano a teoria de regimes autoritários. Em meio a esse debate sobre a natureza de sua filosofia, dever-se-ia admitir que se por um lado a obra flertou perigosamente com os totalitarismos do século XX, por outro, demonstrou uma grande capacidade de emancipação do homem.

Esse trabalho, por sua vez, procurou desenvolver outra perspectiva de entendimento do pensamento nietzschiano, através de uma pergunta difícil de responder, mesmo depois de tamanho debate sobre o assunto. Afinal, quais são os ensinamentos que a obra de Nietzsche legou para seus extemporâneos? Se considerar que muitas de suas críticas ao sistema de ensino alemão do século XIX são, de certo modo, semelhantes àquelas que, contemporaneamente, se observa em relação à educação no Brasil, pode-se perce-

ber, resguardadas as diferenças contextuais dos dois períodos históricos, o vanguardismo e o compromisso de Nietzsche com a elevação cultural do homem. Apesar das mudanças ocorridas no decorrer do processo histórico fortalecimento do capitalismo, avanço das novas tecnologias, dos meios de comunicação de massa a crítica elaborada por Nietzsche em meados do século XX se mantém atual.

Por essa razão, os ensinamentos que Nietzsche apresentou em seus primeiros escritos, apesar de pouco conhecidos e, por vezes, preteridos aos grandes clássicos de seu pensamento, como as obras da década de 1880, revelam a sua pretensão a ensinar algo aos seus serôdios, ou seja, sua filosofia não poderia ser tida como texto vazio de significado, dispensável, ou de outra forma, completamente devassada por interpretações anteriores. Cada obra de sua autoria continua tendo várias leituras, as quais podem servir para diferentes intenções, inclusive, com o intuito de negar o potencial educacional de sua filosofia.

Num contexto em que o retorno aos ideais da Grécia Clássica era improvável, em grande parte devido à cultura produzida pelos ideais da modernidade- cientificismo, tecnicismo, etc., suas obras representaram ao homem uma alternativa de avistar outros horizontes, capazes de resistir aos tentadores “ensinamentos” convencionalmente transmitidos pelos “nossos estabelecimentos de ensino”.

NOTAS

¹ O texto que originou este trabalho foi apresentado como pré-requisito para a obtenção do certificado de pós-graduação em Orientação Educacional pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim, sob supervisão do professor Dr. Arnaldo Nogaró.

³ Sobre a “modernidade” como método interpretativo ver Lyotard (2000): *A condição pós-moderna*.

⁴ Vide o processo que possibilitou a Unificação da Alemanha e Itália em fins do século XIX.

- ⁵ O conceito de desencantamento aqui apresentado era aquele que Weber tratou por ser um processo no qual o homem perdeu a identificação mítica com o universo. O efeito que a racionalização das práticas cotidianas teve sobre o agir e o pensar, diante da modernização social e cientificismo do conhecimento impossibilitou a compreensão meramente “religiosa” da realidade.
- ⁶ O conceito de raça, apresentado por Nietzsche, deve ser entendido como expressão comumente utilizada nesse período, sem a bagagem histórica representada por políticas estatais de discriminação e postura imoral perante o “outro”, decorrentes, principalmente, dos acontecimentos da primeira metade do século XX.
- ⁷ Observou-se que no mesmo período a Alemanha unificada passava por um processo de constituição da identidade nacional.
- ⁸ Para Nietzsche, a cultura jornalística ou imediata era a interpretação do momento: uma leitura breve e descomprometida da sociedade.
- ⁹ O conceito de cultura verdadeira será mais bem elaborado posteriormente.
- ¹⁰ Depois de devidamente apresentado, era necessário dizer que, muitos dos interessados pela filosofia nietzschiana, tendem a pesquisar o sentido e origem de termos como “vontade de poder”, “moral dos senhores e dos escravos”, “nihilismo”. Talvez recebessem essa breve incursão ao pensamento de Nietzsche, como uma missão fadada ao fracasso e à contestação. Todas as perspectiva adotadas nesse trabalho pareciam retornar, impreterivelmente, à dificuldade de sistematizar o pensamento do filósofo. Diante deste impasse teórico, como estabelecer a existência de um projeto educacional em Nietzsche? Mesmo nos primeiros escritos filosóficos, onde o pensamento nietzschiano se manifestou voltado especialmente para os ensinamentos dos filósofos pré-socráticos, era possível que muitos vissem a crítica aos estabelecimentos de ensino como reflexo de um pensamento desconexo e que, por diversas vezes, não conduzia o leitor a conclusões precisas. No entanto, caberia lembrar que a intenção desse trabalho não foi sistematizar a teoria, visto que Nietzsche não apresentou um projeto sistemático sobre educação, mas elencar possibilidades de interpretação sobre o assunto.
- ¹¹ Os ideais democráticos percebidos no ambiente escolar contemporaneamente não faziam parte da realidade do século XIX, especialmente na Alemanha. Para Nietzsche, além de poucos alunos, deveriam existir poucos professores – observa-se aqui, a provável influência do modelo grego de formação humana. Para ser educador, o docente deveria ter formação em diversas áreas do conhecimento e ser um conhecedor do mundo e da cultura, – a fim de formar integralmente o educando, preparando-o, para a vida. O filósofo alemão ampliou sua crítica inclusive para a utilização por parte da educação de ideais democráticos. Segundo ele, “a educação era apenas um sistema voltado para a destruição da exceção em proveito da regra e dos medíocres.” (SOBRINHO, 2011, p. 40-41).
- ¹² Cabe ressaltar que na Grécia Clássica era apenas possível a uma classe restrita de indivíduos serem instruídos por preceptores responsáveis por iniciar os estudantes no idioma, no cálculo, na moral, na filosofia, na história, etc.
- ¹³ Todos os personagens, à exceção do próprio autor, não foram nomeados, permanecendo desconhecidos para o leitor.
- ¹⁴ Em relação à Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), Dias afirmou que “pouco antes do término da guerra, já havia perdido toda simpatia por Bismark. Já não podia suportar o fato de o Estado arvorar-se como o mentor da cultura, quando, na verdade, visava apenas a seu interesse; já não acreditava em nacionalismos.” (DIAS, 2003, p. 34).
- ¹⁵ Para Nietzsche, esses egoísmos serviram-se da cultura em benefício próprio. O Estado, através da formação de um quadro de funcionários competentes em suas atividades específicas e a Ciência através da procura por conhecimentos a qualquer preço.
- ¹⁶ Depoimento em forma de artigo anônimo suplemento de domingo de 13 de outubro de 1929.

AUTOR

Vanderlei Cristiano Juraski. - Mestrando em História. Área de concentração: História Regional. Universidade de Passo Fundo. E-mail: wander_ju@hotmail.com

REFERÊNCIAS

DIAS, R. M. **Nietzsche: educador**. 3. ed. São Paulo (SP): Scipione, 2003.

NIETZSCHE, F. W. Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino. In: SOBRINHO, N. C. M (Org.). **Escritos sobre educação**. 5 ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

SOBRINHO, N. C. M (Org.). A Pedagogia de Nietzsche. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Escritos sobre educação**. 5 ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2011.